

Evolução das aplicações financeiras

Rentabilidade no período em %

2013	Nominal									Real *										
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Ano
Renda Fixa																				
Selic (1)	0,60	0,49	0,55	0,61	0,60	0,61	0,72	0,71	0,71	5,75	-0,26	-0,11	0,08	0,06	0,23	0,34	0,67	0,45	0,36	1,89
CDI (1)	0,59	0,48	0,54	0,60	0,58	0,59	0,71	0,70	0,70	5,62	-0,27	-0,12	0,07	0,05	0,21	0,33	0,66	0,43	0,35	1,77
CDB (2)	0,56	0,56	0,56	0,56	0,58	0,62	0,65	0,65	0,65	5,53	-0,30	-0,04	0,09	0,01	0,21	0,36	0,60	0,39	0,30	1,67
Poupança (3)	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,52	0,50	0,51	4,62	-0,36	-0,10	0,03	-0,05	0,13	0,24	0,47	0,24	0,16	0,80
Poupança (4)	0,41	0,41	0,41	0,41	0,41	0,46	0,48	0,48	0,51	4,07	-0,44	-0,19	-0,06	-0,14	0,04	0,19	0,43	0,22	0,16	0,27
Fundo Referenciado DI (5)	0,61	0,50	0,56	0,62	0,60	0,62	0,72	0,69	0,71	5,79	-0,25	-0,10	0,09	0,07	0,23	0,35	0,67	0,43	0,36	1,92
Fundo de Renda Fixa (5)	0,71	0,36	0,42	0,70	0,28	0,23	0,82	0,47	0,79	4,75	-0,15	-0,24	-0,05	0,15	-0,09	-0,03	0,77	0,21	0,44	0,92
Renda Variável																				
Ibovespa(6)	-1,95	-3,91	-1,87	-0,78	-4,30	-11,31	1,64	3,68	4,65	-14,13	-2,79	-4,48	-2,33	-1,33	-4,65	-11,54	1,59	3,41	4,29	-17,27
Índice Small Cap(6)	0,33	0,19	-3,95	-0,21	-1,98	-9,98	0,45	-1,95	5,20	-11,92	-0,52	-0,41	-4,39	-0,76	-2,35	-10,22	0,40	-2,21	4,83	-15,14
IBrX 50(6)	-0,38	-4,03	0,76	1,04	-1,25	-9,30	1,60	2,69	5,10	-4,41	-1,23	-4,60	0,29	0,49	-1,62	-9,54	1,55	2,43	4,73	-7,90
Dólar Comercial Ptax (6)	-2,70	-0,65	1,94	-0,60	6,50	3,93	3,37	3,59	-6,01	9,13	-3,53	-1,24	1,47	-1,14	6,11	3,66	3,32	3,32	-6,33	5,14
Dólar Comercial Mercado (6)	-2,59	-0,60	2,17	-0,99	7,10	4,15	2,24	4,51	-7,09	8,47	-3,42	-1,20	1,70	-1,53	6,70	3,88	2,19	4,24	-7,41	4,51
Euro - R\$/Euro (6)	0,12	-4,28	0,08	1,98	4,98	4,16	5,64	2,81	-3,60	11,97	-0,73	-4,85	-0,39	1,42	4,59	3,89	5,58	2,54	-3,94	7,88
Ouro BM&FBovespa (6)	-2,28	-6,54	3,50	-8,21	-0,42	-6,55	9,73	11,24	-12,88	-14,16	-3,12	-7,10	3,02	-8,71	-0,79	-6,80	9,67	10,95	-13,19	-17,29
Fundo Ações Ibovespa Ativo (7)	-0,26	-0,88	-0,91	0,45	-1,55	-8,36	3,40	0,68	5,35	-3,09	-1,11	-1,47	-1,37	-0,10	-1,91	-8,59	3,35	0,42	4,98	-6,63
Fundo Ações Livre (7)	0,56	0,01	-0,16	0,55	-0,33	-6,49	2,09	0,68	3,98	1,49	-0,30	-0,58	-0,63	0,00	-0,70	-6,73	2,04	0,42	3,62	-2,22
Fundo Cambial (7)	-2,64	-0,63	2,26	-0,64	6,96	3,93	1,24	4,18	-6,23	9,56	-3,47	-1,23	1,78	-1,19	6,57	3,66	1,19	3,91	-6,56	5,56
Fundo Mult. Multiestratégia (7)	-0,05	-0,10	0,34	0,98	0,39	-0,46	1,06	0,58	0,11	3,25	-0,90	-0,70	-0,13	0,43	0,02	-0,72	1,01	0,32	-0,24	-0,52
Fundo Mult. Juros e Moedas (7)	0,47	0,03	0,22	1,08	-0,39	-0,36	0,94	0,19	0,82	2,91	-0,39	-0,57	-0,25	0,53	-0,76	-0,62	0,89	-0,07	0,47	-0,85
Inflação																				
IGP-M	0,34	0,29	0,21	0,15	0,00	0,75	0,26	0,15	1,50	3,69	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
IPCA (8)	0,86	0,60	0,47	0,55	0,37	0,26	0,05	0,26	0,35	3,79	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Cetip, Anbima, BM&FBovespa, FGV, BC, Focus, IBGE e CMA. Elaboração: Valor Data. * Descontado o IPCA. (1) Taxa efetiva. (2) rendimento bruto do 1º dia útil do mês. (3) rentabilidade do 1º dia do mês - depósitos até 03/05/12. (4) rentabilidade do 1º dia do mês - depósitos a partir de 04/05/12: MP nº 567 de 03/05/12. (5) estimativa Anbima para o mês de setembro. (6) em setembro, variação acumulada até o dia 30. (7) em setembro, variação acumulada até o dia 25. (8) expectativa de 0,35% para o mês de setembro

O Ibovespa foi o principal nome de setembro. O índice de referência para o mercado acionário brasileiro marcou sua terceira valorização consecutiva, no melhor desempenho mensal do ano. Com alta de 4,65%, para 52.338 pontos, o Ibovespa reduziu as perdas no acumulado do ano para 14,13%.

Houve uma aceleração com relação às altas de julho (1,64%) e agosto (3,68%), que se seguiram a um primeiro semestre com todos os meses no vermelho. Ainda assim, o movimento não empolga gestores e estrategistas do mercado. Pelo contrário. A reticência nas discussões segue elevada e as menções a ajuste, correção e ponto fora da curva seguem presentes. Ainda não foi desta vez que a expressão "reversão de tendência" foi cravada pelos especialistas.

O estrategista da Icap Brasil, Gabriel Gersztein, ressalta que, até junho, a bolsa havia sido pressionada pela rotação estrutural de mercados emergentes para desenvolvidos e também pelo cenário doméstico, em função do que considera ruídos do governo, como as decisões do Banco Central, atuação no setor elétrico e a revisão da perspectiva da nota Brasil para "negativa". O terceiro fator que pesou sobre o mercado, diz Gersztein, foi técnico e vinculado aos acontecimentos negativos com as empresas do grupo EBX, do empresário Eike Batista.

Quando o Ibovespa caiu para o nível dos 45 mil pontos, no começo de julho, o mercado passou a ser considerado "sobrevendido", ou seja, ficou muito abaixo do valor de equilíbrio, apesar das variáveis citadas, afirma o estrategista. Desta forma, a retomada vista ao longo dos últimos três meses foi considerada por ele uma correção. E a tendência não é de continuidade. "Não vemos razão nenhuma para que essa recuperação continue, porque foi simplesmente um ajuste para valores mais próximos dos fundamentos do Brasil", assinala.

Para esse ajuste contribuíram uma menor rotação de mercados, o adiamento da redução do programa de recompra de títulos pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) e a recuperação da economia chinesa.

"Os problemas estruturais do Brasil não mudaram nos últimos dois meses. Ocorreu apenas uma mudança de apetite para risco", diz Gersztein. As compras dos estrangeiros na bolsa brasileira superaram as vendas em R\$ 4,42 bilhões em setembro até o dia 26, próximo ao recorde mensal deste ano, observado em janeiro. O estrategista da Icap considera que ainda é cedo para falar em reversão de tendência. "Deveríamos ter novas evidências e outras semanas de entrada para poder ver um novo cenário."

André Ribeiro, sócio-diretor da gestora especializada em ações Brasil Capital, também é cauteloso ao falar do atual cenário de bolsa. Em sua visão, diante principalmente de dados melhores da economia internacional, com destaque para a China, houve uma correria nos últimos meses para cobrir posições excessivamente negativas sobre o Brasil.

O movimento foi reforçado pela apreciação do dólar contra o real, que estimulou o desempenho de ações de peso do Ibovespa. "Agora temos um cenário em que o mundo pode ajudar o Brasil, mas os fundamentos macroeconômicos e os valuations que encontramos na bolsa não são nada animadores", diz Ribeiro. Passada a correção de preços, ele também vislumbra um movimento de maior acomodação do mercado acionário.

Para Luiz Eduardo Portella, sócio-gestor da Modal Asset, o Ibovespa deve se aproximar dos 50 mil pontos até o fim do ano. "O movimento técnico ajudou muito. A partir de agora, a bolsa deve se acomodar", afirma. As melhores perspectivas para a economia chinesa já se dissiparam, considera, com as sinalizações do governo do país de que o crescimento será menor do que o esperado neste segundo semestre e no ano que vem. "Não vou dizer que vamos ter mais um mês de festa", diz o gestor.

Em contraponto com o efeito positivo no curto prazo da decisão surpreendente do Fed de adiar a retirada de estímulos, o economista-chefe do Banco Modal, Alexandre de Ázara, preocupa-se com o começo do ano que vem. "Você pode ter a pior situação possível em março", diz. Isso, segundo ele, porque deve começar nesse mês, com base nas sinalizações do Fed, a elevação dos juros no país. Internamente, aponta, o movimento pode ser acompanhado de dólar, juros e inflação em alta.

Julio Erse, sócio-gestor da NP Investimentos, considera que um Fed mais cauteloso tira volatilidade do mercado e reduz o risco de uma alta expressiva repentina no dólar, resultante de uma forte reversão de fluxo. Ele alerta, entretanto, para o impacto sobre os mercados do debate sobre o teto da dívida americana. Em tese, o Congresso tem até hoje para aprovar um novo orçamento e evitar uma paralisação parcial do governo. A expectativa é que o teto da dívida seja atingido no próximo dia 17, trazendo a ameaça de que o governo não consiga mais arcar com seus compromissos. "Essa história pode trazer volatilidade no curto prazo", diz Erse.

A rolagem da dívida americana é o fator que pode impactar a festa da bolsa também na opinião de Sinara Polycarpo, superintendente de investimentos do Santander. "Os Estados Unidos são os grandes balizadores do que vai acontecer daqui para frente e isso pode trazer o estresse novamente para os mercados", diz. O desempenho positivo do Ibovespa em setembro é, para Sinara, a prova de que o foco está no exterior. "Em termos de fundamentos internos, nada mudou para que tenhamos uma valorização sustentável da bolsa nos próximos meses", diz.

O diretor-executivo do UBS Wealth Management, Francisco Levy, também não tem perspectivas favoráveis para a bolsa. Ainda que acredite que grande parte do cenário negativo já está refletido nos preços, ele aponta a desaceleração da economia e o impacto sobre os lucros corporativos como forças contrárias à alta.

No acumulado do ano até setembro, euro e dólar ainda despontam como os ativos mais atraentes. Com a decisão do Fed, entretanto, a moeda americana teve em setembro a maior desvalorização mensal do ano contra o real. Ainda assim, investir recursos fora se mantém como uma opção atraente, considera Paulo Corchaki, diretor da área de gestão de fortunas do UBS. "Abrir mão das alternativas lá fora por causa do câmbio não faz sentido", diz. Ele sugere que o investidor aloque no exterior de 10% a 15% do patrimônio. O UBS tem uma visão favorável com relação às bolsas americanas, europeias e japonesa.

Na cena local, o UBS reviu parte da estratégia, diminuindo a posição em bolsa brasileira e elevando a exposição ao mercado de renda fixa, via títulos públicos. Nessa segunda categoria, fez alterações, segundo Corchaki, ao passar de títulos puramente prefixados para aqueles que pagam, além de uma taxa pré, a variação da inflação. Entre os títulos preferidos está a NTN-B com vencimento em 2018. Corchaki diz que tem evitado prazos mais distantes pelas incertezas do cenário americano.

Para o diretor do UBS, todo investidor deve ter uma parte do portfólio alocada em NTN-Bs. E mesmo que os juros ainda possam se ajustar para cima, esse já é um bom momento, diz, para começar a formar esse estoque. Como considera o juro real justo brasileiro por volta de 4%, Corchaki diz que as taxas atuais em torno de 5% são atraentes.

No Tesouro Direto, sistema de negociação de títulos públicos pela internet, até ontem, NTN-Bs com vencimento a partir de 2017 pagavam taxa real superior a 5%.

Portella, da Modal Asset, também prefere as NTN-Bs com vencimento próximo. Para ele, as expectativas para a Selic até o meio do ano que vem, refletidas na curva de juros, podem estar um pouco exageradas. O ajuste nesses valores pode trazer uma valorização para esses títulos. "Já a parte longa da curva vai depender do cenário externo e de como serão as condições de política econômica", diz o gestor, que por isso tem evitado os vencimentos mais distantes.

As NTN-Bs também são uma boa opção na opinião de Sinara, do Santander, desde que o investidor esteja disposto a carregar o título até o vencimento, para não ser vítima da volatilidade de curto prazo. "A grande preocupação para o investidor, de médio e longo prazo, deve ser o tema da inflação", diz. Dada a perspectiva para o nível de preços, ela considera arriscado o posicionamento em títulos prefixados.

Na renda fixa, o descolamento chama a atenção no balanço de investimentos de setembro. Com o avançar do ano, o Certificado de Depósito Interfinanceiro (CDI) se afasta de forma visível da Selic. Diferenças quase imperceptíveis, de 0,01 ou 0,02 ponto percentual mês a mês, transformam-se no acumulado do ano em uma lacuna superior a 0,1 ponto, com desvantagem para o CDI.

Leia mais em:

<http://www.valor.com.br/financas/3288932/bolsa-resiste#ixzz2gTSkb3h2>